

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

Kamila Flôres Ruas

**O QUE SOBRA DE TUDO QUE FALTA - SÉRIE DE
VIDEORREPORTAGENS SOBRE MULHERES RECICLADORAS**

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Kamila Flôres Ruas

**O QUE SOBRA DE TUDO QUE FALTA - SÉRIE DE
VIDEORREPORTAGENS SOBRE MULHERES RECICLADORAS**

Projeto Experimental de Graduação apresentado ao Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.**

Orientador: Cássio dos Santos Tomaim
Co-orientadora: Marilice Daronco

Santa Maria, RS

2018

Kamila Flôres Ruas

**O QUE SOBRA DE TUDO QUE FALTA - SÉRIE DE
VIDEORREPORTAGENS SOBRE MULHERES RECICLADORAS**

Projeto Experimental de Graduação apresentado ao Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.**

Aprovado em 04 de dezembro de 2018:

Profº Dr. Cássio dos Santos Tomaim (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Profª Ma. Marilice Daronco (UFSM)
(Co-orientadora)

Profª Drª Laura Storch (UFSM)

Profª Ma. Anaqueli Rubin

Santa Maria, RS

2018

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que,
todos os dias, enfrentam o mundo para chegar
onde desejam. Continuemos, vale a pena!*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro, meus pais, dona Renê e seu Jedir, pela luta diária para me manter na Universidade. Pelos horários extras no trabalho para pagar cursinho e depois os xerox de cada dia. Obrigada pela compreensão, dedicação e amor que sempre me dão. Eu tenho muito orgulho de vocês.

Aos meus irmãos, Pâmela e Marcelo, por estarem sempre presente nessa etapa importante da minha vida. Obrigada pela parceria. Ao meu sobrinho, Murilo, pelo sorriso que estampa no rosto sempre que vê a tia.

À toda minha família que vibrou com a notícia da entrada na faculdade e quem sempre me apoiou.

Às minhas amigas que sempre estiveram comigo, apoiando e torcendo pelo meu sucesso, que me ajudaram em algum trabalho e que me acalmaram quando a ansiedade batia. Obrigada pela compreensão quando não podia estar presente em algum momento. Adriana, Vanessa, Kelly, Francielly, Alícia e Thalia.

Agradeço também as amizades que fiz durante essa etapa. Mayara, Caline, Mirella, Bárbara, Taísa, Andressa e, claro, minha fiel escudeira, Victória, a faculdade não teria sido nem metade sem o nosso Squad. Admiração, respeito e amor. Ao Juliano, meu amigo que sempre me apoiou e compartilhou seu amor por TV comigo.

Ao meu orientador, Cássio, obrigada pela paciência e pelos conselhos sempre enriquecedores.

À minha co-orientadora amiga, Marilice, que sempre esteve ali para responder dúvidas e acalmar essa pessoa aqui. Obrigada por fazer com que a gente se apaixone cada vez mais pelo jornalismo. Você é luz, paz e muito amor.

Agradeço a todas as pessoas que conheci durante a faculdade, aos colegas, professores, técnicos administrativos, terceirizados e entrevistados. Cada pessoa que passa por nós ensina algo e vocês ensinaram.

Obrigada a equipe da TV Campus com a qual tive o prazer de trabalhar e aprender não só sobre TV, mas sobre a vida.

Agradeço às entrevistadas, Lisi, dona Teresinha e Margarete, por abrirem suas vidas, histórias, medos e alegrias. Pelo carinho e amizade que surgiram após este trabalho.

RESUMO

O QUE SOBRA DE TUDO QUE FALTA - SÉRIE DE VIDEORREPORTAGENS SOBRE MULHERES RECICLADORAS

AUTORA: Kamila Flôres Ruas
ORIENTADOR: Cássio Tomaim
CO-ORIENTADORA: Marilice Daronco

A sociedade contemporânea é baseada na produção e no consumo. A geração de lixo elevada é consequência disso. O que é lixo para uns, é sustento para outros. Entre quem sobrevive do lixo estão muitas mulheres que transformam o que é descartado pelos outros em sobrevivência para suas famílias. Este projeto experimental tem como objetivo produzir uma série de videoreportagens que construa uma narrativa sobre mulheres que atuam na reciclagem. Partimos do ponto de vista de que apesar do importante trabalho que elas desenvolvem, estas mulheres são marginalizadas e invisibilizadas pela sociedade. Buscamos criar uma narrativa que dê espaço a essas agentes, trazendo um relato humanizado sobre o seu trabalho, sua vida e seu papel para a sustentabilidade.

Palavras-chave: Jornalismo Audiovisual. Videoreportagem. Lixo. Mulheres recicladoras.

ABSTRACT

THE REMNANT OF EVERYTHING THAT IS LACK - VIDEO SERIES REPORTS ABOUT WOMEN RECYCLERS

AUTHOR: Kamila Flôres Ruas
ADVISOR: Cássio Tomaim
CO-ADVISOR: Marilice Daronco

The contemporary society is based on the relationship of production and consumption. The generation of high waste is one consequence of this. But what is trash for ones is survival for others. Many women are among those who survive the garbage. They transform what is discarded by others into survival for their families. This experimental project intends to produce a series of video reports that build a narrative about these women. We start from the point of view that although the important their work they are marginalized and invisible by society. We intend to create a narrative that gives space to these agents, bringing a humanized story about their work, their life and their function for sustainability.

Keywords: Audio-visual Journalism. Video reporting. Trash. Women recyclers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. RECICLADORAS E A VIDEORREPORTAGEM - UM CAMPO A SER EXPLORADO	14
1.1 COMPREENDENDO A VIDEORREPORTAGEM	18
1.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA VIDEORREPORTAGEM	19
1.3 AS CARACTERÍSTICAS E A LINGUAGEM DA VIDEORREPORTAGEM	23
2. O “LIXO”, A RECICLAGEM E AS MULHERES	26
2.1 RECICLADORES E A INVISIBILIDADE SOCIAL	27
2.2 O PAPEL DAS MULHERES NA RECICLAGEM	29
3. O QUE SOBRA DE TUDO QUE FALTA: A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA SOBRE RECICLADORAS DE LIXO EM SANTA MARIA	31
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO	32
3.2 PRODUÇÃO	36
3.2.1 As entrevistas	36
3.2.2 As gravações	38
3.2.3 A edição	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de Jornalismo, mais especificamente durante as cadeiras de Telejornalismo I e II, estudamos os formatos, gêneros e subgêneros do telejornalismo. Desde então, a videorreportagem começou a despertar minha atenção. Porém, não são muitas as chances que temos para exercitar nossa habilidade com esse tipo de produção ao longo da faculdade.

A partir da possibilidade de realizar um projeto experimental para concluir o curso, percebi que esse poderia ser uma oportunidade de exercitar os diferentes caminhos de contar uma história a partir da escolha da forma como a narrativa é construída, aprendendo mais sobre a videorreportagem.

Além disso, durante a jornada na faculdade aproximei-me despretensiosamente do trabalho em televisão, e descobri que o leque de narrativas que ela oferece é imenso. Atuei como bolsista da TV Campus durante um ano e meio e trabalhei com notícias, reportagens para programas e o que a TV oferece como meio.

Como não tive contato com a produção de videorreportagens, optei pela realização do projeto experimental acreditando que ele poderia oportunizar concluir minha graduação justamente fazendo esse importante exercício de experimentar. Esse foi um dos motivos que me levou a propor a experimentação da produção de uma videorreportagem e quando optei por esse caminho, por mais que quisesse aprender muito, não poderia sequer imaginar todo o aprendizado que ele acabaria por me trazer.

O que sobra de tudo que falta é uma série de videorreportagens realizada dentro da estrutura de uma universidade pública, a qual foi realizada sem ônus para a universidade. Mas, para que isso fosse possível, o projeto dependeu dos recursos dos quais disponho, entre eles o celular, o que me permitiu ao mesmo tempo pensar a narrativa a partir desse dispositivo e utilizar um equipamento do qual disponho.

Surgiu desses diferentes fatores, o interesse por utilizar a videorreportagem como linguagem para contar histórias, pois ela oferece uma experimentação e uma inserção do jornalista em todos os processos, o envolvimento do profissional é profundo. É onde o jornalismo pode conversar com diferentes formas de expressão, segundo Thomaz (2007) a videorreportagem pode ser interpretado como um gênero híbrido: “Ao empregar diferentes formas de expressão (informativa, opinativa e

interpretativa) e explorar recursos do jornalismo, da literatura e do vídeo, produz um gênero híbrido” (THOMAZ, 2007, p.143).

Diante de tantas alternativas era preciso escolher um **tema** que também possibilitasse experimentação, que não abrisse oportunidade apenas para mais uma reportagem para a televisão, e sim de trabalhar algo que escapasse do padrão de mercado.

Desde o último ano, venho me interessando por questões ligadas ao meio ambiente, sustentabilidade, consumo consciente, bem como o próprio conceito de lixo. Com isso, meus hábitos relacionados a esses assuntos estão em processo de mudança, a relação com o consumo, com o reciclável e com o que é reutilizável. Noto em minhas relações cotidianas que essa preocupação tem cada vez mais conquistado outras pessoas.

Ao pesquisar mais sobre essas questões na Internet, foi possível notar a grande importância e o papel que as mulheres recicladoras têm para a reciclagem e para sustentabilidade no Brasil. Mas, apesar disso, essa população ainda é muito marginalizada e, principalmente, invisibilizada.

Partindo das percepções que foram surgindo durante essas pesquisas, o interesse por conhecer a vida e o trabalho das mulheres recicladoras de lixo ficou cada vez mais forte, e percebi que contar essas histórias seria muito importante não só para mim, mas para todas as pessoas, que de uma forma ou de outra não “enxergam” elas na sociedade. Com isso, e com o apreço pelo audiovisual como narrativa, foram surgindo ideias para *o que contar e como* contar sobre essas pessoas.

Muitas vezes, quando caminhamos pelas ruas de uma cidade de maior porte, como Santa Maria, na região central do Rio Grande do Sul, percebemos como a relação com o lixo é problemática. Restos do que a cidade descarta, ou seja, aquilo que sobra, acabam por se transformar em um grave problema para o meio ambiente e, ao mesmo tempo, também são chance de sobrevivência para outras pessoas. O “lixo” se transforma, assim, naquilo que falta para grupos como catadores e recicladores que, embora muitas vezes sejam invisibilizados, exercem um importante papel para a própria sociedade que fecha os olhos para eles.

De acordo com os dados mais recentes sobre o lixo no país, o Panorama de Resíduos Sólidos no Brasil, de 2016, foram produzidos 78,3 milhões de toneladas de resíduos sólidos naquele ano. Estima-se que 31,9% desse lixo poderiam ser reciclados e

transformados em dinheiro, mas o país perdeu mais de 8 bilhões pelo mau gerenciamento, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Na outra ponta do descarte, entre os que transformam o lixo em fonte de renda, estão mais de 800 mil catadores, de acordo com estimativas do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Esse número leva em conta quem trabalha na rua e os que exercem algum tipo de atividade em associações ou cooperativas no Brasil. Um dado chama a atenção quando se olha para as estatísticas: deste número, 70% são mulheres.

Em Santa Maria, uma das maiores cidades do Estado, estão cadastradas na prefeitura cinco associações de recicladores para o recebimento de materiais recicláveis. Porém, de acordo com a coordenação destas associações. Os dados oficiais não levam em conta que duas delas já fecharam as portas por falta de apoio e de material.

A cidade que, de acordo com dados do último censo do IBGE, tem 278.445 mil habitantes, produz 160 toneladas de lixo por dia. O número, divulgado em 2015 pelo vereador Cezar Gehm, mostra a gravidade da situação quando é combinado com outro: somente 6 a 7% desse lixo é reciclado pelas cooperativas e por recicladores autônomos (GAÚCHAZH, 2018). Porém, não há dados completos sobre o assunto na cidade.

Para dar destino ao seu lixo, Santa Maria conta com o Aterro Sanitário Controlado da Caturrita, que está em atividade desde 2008, com capacidade de operação de 20 anos. Para lá são enviados, além do lixo propriamente dito, a maioria dos resíduos que poderiam ser entregues às associações e recicladores. Ouvidas durante a elaboração desse projeto experimental, as associações reclamaram que a sociedade santa-mariense não tem a cultura de reciclar.

As pessoas que trabalham com o que podemos chamar de “catação” e a separação dos materiais são os principais atores na reciclagem. Elas prestam um serviço de utilidade pública a toda nossa sociedade e, além disso, muitas encontram no trabalho com o lixo a sua sobrevivência e o sustento não apenas delas, mas de suas famílias. Apesar de prestarem um grande papel como agentes ambientais na reciclagem, essas pessoas são invisibilizadas e marginalizadas.

Quando se trata das mulheres, a situação é ainda pior. Não bastasse o trabalho árduo em meio ao lixo, elas sofrem com o machismo e com a desvalorização do seu serviço. Aqui, adotamos a definição de machismo trazida por Drumont (1980, p. 42), para quem ele constitui um sistema de representações que envolvem a ideia de

dominação e “utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre homens e mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado”. Dessa forma, essas mulheres, por diferentes motivos, são tratadas, como abordaremos no segundo episódio das nossas videorreportagens: feito lixo, feito bicho.

Em *Vidas Desperdiçadas* (2005), o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman expõe que a sociedade moderna de consumo produz cada vez mais lixo, com isso surgem os catadores, pessoas que apesar do papel importante que realizam, são invisíveis para esta própria sociedade. Bauman propõe um debate sobre a questão dos incluídos e os excluídos que derivam de uma ordem social. O sociólogo aborda mais especificamente a questão dos catadores, mas podemos ampliar essa discussão para as mulheres recicladoras, que da mesma forma são invisibilizadas, apesar de ter um papel fundamental dentro da engrenagem da indústria do lixo.

Notamos que existe uma importância jornalística para a sociedade no trabalho dessas pessoas, a qual serviu de motivação para propormos o presente estudo. Essa importância está baseada em duas questões imprescindíveis: o meio ambiente e o ser humano. Na perspectiva de entender as recicladoras como agentes que cuidam do lixo que é gerado por nós – sociedade consumidora – que muitas vezes acaba por excluir e invisibilizar essas pessoas que tanto fazem pelo nosso planeta. Além disso, o jornalismo falha em relação a essas pessoas. A cobertura jornalística está a cada dia mais limitada, o lugar de fala acaba por ser sempre as fontes oficiais e autoridades, e, por várias questões, o jornalismo termina não dando voz e valor para essas pessoas e para assuntos como sustentabilidade, reciclagem e para os catadores. As demandas sobre informações acerca do meio ambiente, o próprio jornalismo ambiental, ainda é muito pouco produzido o que também acaba por invisibilizar o tema.

A partir do que expomos sobre a realidade das recicladoras e da carência de estudos sobre o tema, apresentamos como **problema**: que narrativa audiovisual se pode construir sobre a vida das mulheres recicladoras de Santa Maria?

Diante dessa questão, apontamos como **objetivo geral** produzir uma série de videorreportagens com três episódios, sobre a vida das recicladoras.

Tomamos como **objetivos específicos**:

- a) Investigar como é a vida e a condição de trabalho das mulheres recicladoras de Santa Maria;

- b) Selecionar histórias de recicladoras e realizar entrevistas com elas;
- c) Dar visibilidade às condições de vida das recicladoras da cidade
- d) Refletir sobre como a videoreportagem pode ir ao encontro da narrativa de histórias que não encontram espaço nas mídias tradicionais.

A pesquisa e a produção deste trabalho foram importantes para a minha formação acadêmica e pessoal. Ter a oportunidade de mergulhar nas histórias dessas mulheres, ao mesmo tempo em que experimentava todas as etapas mais básicas do jornalismo, como a apuração, a produção, entrevistas, gravações e edições, me oportunizaram conhecer mais sobre a profissão que escolhi. Conhecer essas histórias de vida, pensar em formas narrativas para dar espaço a essas experiências dentro da videoreportagem e, principalmente, praticar o ato de ouvir e “ver” o outro mostraram um lado encantador da profissão de jornalista.

1. RECICLADORAS E A VIDEORREPORTAGEM - UM CAMPO A SER EXPLORADO

O primeiro passo ao buscar subsídio para a realização do presente projeto experimental foi investigar o estado da arte do tema. Essa etapa envolveu, ao mesmo tempo, saber o que existe em termos de pesquisas sobre a videoreportagem no Brasil, procurando autores que pudessem nos acompanhar teoricamente na compreensão do tema, e o que já havia sido feito de trabalhos semelhantes com mulheres recicladoras.

Essa pesquisa se deu por meio de buscas na internet, no site da Capes e no Google Acadêmico, com as palavras chaves como videoreportagem, jornalismo, produção autoral, catadores de lixo, e recicladoras. Além disso, buscas no Youtube e na biblioteca da Universidade Federal de Santa Maria.

Foi ainda nesse momento inicial que tivemos a primeira surpresa. Ao contrário do que se imaginava inicialmente, apesar da importância do tema, a videoreportagem não é um assunto muito explorado academicamente. Foram encontrados dois estudos específicos em que o tema central é a videoreportagem, os outros conteúdos foram artigos ou projetos que realizaram análises de videoreportagens.

Um desses trabalhos é a dissertação de mestrado *A linguagem experimental da videoreportagem* desenvolvida pela jornalista Patricia Thomaz (2007) para a obtenção do título de mestre em Comunicação na Universidade de Marília, em São Paulo. A autora aborda a videoreportagem e a sua linguagem experimental, a produção através de aplicações e métodos semióticos. Thomaz analisa um episódio do programa *Passagem Para...* exibido no Canal Futura com produção de Luís Nachbin. A dissertação apresenta um levantamento histórico da videoreportagem no mundo e, principalmente, no Brasil. Logo após, aborda a produção da videoreportagem, os avanços tecnológicos, desde as mudanças das câmeras até a edição do material, as questões profissionais sobre ética, jornalista multifuncional e produção autoral. Para finalizar a autora analisa um episódio do programa de Nachbin e apresenta a videoreportagem como “um gênero híbrido” (THOMAZ, 2007, p. 143).

Outra dissertação encontrada foi a *Videoreportagem em três estilos: análise de um subgênero em formação* de Karina de Araújo Silva, também jornalista, que realizou a pesquisa para a obtenção do título de mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2010. No trabalho, Silva (2010) traz uma análise de três

programas de videorreportagem *Passagem Para...*, *Aventuras com Renata Falzoni e Expresso da Bola*. A autora realiza a análise usando o conceito de modo de endereçamento, em que “refere-se ao estilo de um programa que o identifica e o diferencia de outros do mesmo gênero, e desse modo expõe as condições com as quais cada programa se relaciona de modo específico com a audiência” (SILVA, 2010, p. 14). Para além, essas análises são realizadas para chegar à conclusão de que a videorreportagem pode ser considerada um “subgênero televisivo em formação, que inclusive extrapola a televisão” (SILVA, 2010, p. 148).

Essas duas dissertações serviram como base para entender o contexto da videorreportagem no mundo e no Brasil, o seu histórico, mas, principalmente, para refletir como a produção de uma videorreportagem acontece, desde a apuração até a edição. Além disso, permitiu compreender esse modo de fazer, como uma nova linguagem, em que a experimentação é sempre válida para buscar novas perspectivas que vão além do modelo tradicional da televisão.

Foram encontrados ainda capítulos de livros que falam e dão exemplos de produção com a videorreportagem, como *O vôo sólido do videojornalismo* escrito por Luís Nachbin para o livro *No próximo bloco...: o jornalismo brasileiro na TV e na Internet* organizado por Ernesto Rodrigues. O jornalista Luís Nachbin é um dos grandes nomes da videorreportagem no Brasil, ele atua como profissional “abelha”, como ele mesmo denomina o profissional videojornalista, desde 1998. No capítulo o autor traz algumas experiências que teve durante suas viagens e videorreportagens produzidas, além disso, apresenta uma breve discussão sobre a questão do profissional multifuncional e o desaparecimento das equipes: “O ‘abelha’ representa uma expansão das possibilidades, e não um encolhimento. É uma proposta nova de linguagem que não deve ser interpretada como tentativa de acabar com as equipes convencionais” (NACHBIN, p. 132).

O relato de Nachbin é importante para perceber como é desenvolvido o trabalho do videorrepórter, desde a produção, apuração, execução, filmagens e edição. É no relato dele que se percebe realmente o dia a dia dos profissionais que trabalham com videorreportagem. Além de servir como inspiração para a produção dessa linguagem.

Alguns artigos encontrados também servem de base para entender o funcionamento da videorreportagem. Um deles foi apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica

em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, intitulado *Videodocumentário e videorreportagem: características e distinções de duas linguagens audiovisuais*. Ele foi elaborado por bacharéis de jornalismo da Universidade Tiradentes, em Aracaju, no Estado de Sergipe, e aborda as diferenças entre o videodocumentário e a videorreportagem através de uma análise bibliográfica. Essa distinção é importante para não haver confusão nos conceitos e, principalmente, entender a linguagem da videorreportagem como produção jornalística, apesar de possuir uma narrativa mais profunda “tendo em vista que a videorreportagem é uma atividade que trata de temas de forma aprofundada a partir da realidade, onde as falas, gestos e expressões ganham destaque, a sua forma de produção pode ser confundida com o documentário.” (SANTANA, ALMEIDA, SILVA, 2017, p. 11)

O artigo *Procedimentos de ampliação da reportagem: a narrativa experimental nas videorreportagens da TV Folha* do autor Rômulo Cabrera de Medeiros, mestrando em Comunicação na FIAM-FAAM – Centro Universitário, publicado no 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (2017) –, traz uma reflexão sobre a videorreportagem no cenário da convergência midiática.

O autor analisa três matérias sobre ciclovias da cidade de São Paulo que foram veiculadas na TV Folha entre 2014 e 2015, com o objetivo de identificar alguns elementos que compõem a narrativa experimental da videorreportagem. Ele utiliza três características presentes, que Thomaz (2007) elencou na sua dissertação: expressão visual e sonora, expressão verbal, edição e formatação final do produto. A análise realizada serve para compreender como está sendo feita a produção de videorreportagens no contexto da Internet.

Ainda para pensar a videorreportagem na internet, o trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação para a conclusão da especialização em Comunicação Jornalística, na Faculdade Cásper Líbero, do Antenor Thomé de Souza Mariguella, de 2011, intitulada *A videorreportagem no ciberespaço* aborda a web como meio para veiculação da videorreportagem. Ao longo da pesquisa, o autor apresenta o conceito, a história e a videorreportagem no ciberespaço. Traz o YouTube como uma plataforma importante para o compartilhamento de produções audiovisuais e por que não dá videorreportagem, além disso, Mariguella apresenta o videorrepórter como um profissional multimídia e da resistência acerca da produção na web. Através da

pesquisa, e das entrevistas que o autor realizou com videojornalistas, é possível entender como funciona o trabalho, as produções e refletir sobre como está se encaixando a linguagem da videoreportagem no contexto do YouTube e da internet.

Foram poucos os trabalhos relacionados à reciclagem e mulheres que conseguimos localizar, mesmo quando saímos do campo da comunicação e buscamos em outras áreas, como Ciências Sociais. Isso demonstra que é uma temática que ainda precisa ser muito explorada.

Um dos poucos trabalhos já realizados é o artigo *Injustiça Ambiental e Gênero: Um Olhar Sobre as Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis* das autoras Isabella de Carvalho Vallin e Sylmara Lopes Francelino Gonçalves Dias apresentado no VIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Ambiente e Sociedade, em 2017. O artigo traz como objetivo estudar e entender a relação entre a injustiça ambiental e a divisão sexual do trabalho no cotidiano de mulheres catadoras de materiais recicláveis.

Quando nos aproximamos da temática do lixo, um livro importante é *Homens Invisíveis, relatos de uma humilhação social* do professor Fernando Braga da Costa, publicado pela Editora Globo em 2004. A produção fala sobre a invisibilidade dos garis, as condições de trabalho, o estado psicológico e moral, além das relações psicossociais desses trabalhadores. Essa pesquisa deriva de um trabalho que o autor realizou durante a graduação para a disciplina de Psicologia Social II, em 1994, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Ele assumiu durante um dia inteiro a função de gari na Universidade onde estudava. O resultado da experiência foi o livro.

Além disso, para a obtenção do título de Doutor em Psicologia, Fernando Braga realizou, em 2008, a tese *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas* que traz através de histórias de vidas e relatos orais os garis e seu campo de trabalho. As pesquisas acerca dos garis, da invisibilidade social, das condições do trabalho e a relação com o lixo, são importantes para pensar a vida e as condições dos catadores nesse contexto de invisibilidade social, que também são pessoas que trabalham e sobrevivem da coleta e venda do lixo. A pesquisa, apesar de ser da área da Psicologia, estabelece relação com a comunicação, e busca compreender como essas pessoas são vistas pela sociedade.

Procurando por produções audiovisuais sobre catadores, lixo, recicladoras e sustentabilidade, foram encontrados alguns documentários sobre o assunto. Um deles,

denominado *INVISÍVEIS - A rotina de catadores de lixo que atuam na cidade de Barreiras – Bahia*, foi produzido no Trabalho Conclusão do Curso em Produção Audiovisual da Faculdade São Francisco de Barreiras (FASB), pelos alunos Bruna Caroline, João Angelo e Joyce Farias. O vídeo documentário aborda a questão da invisibilidade dos catadores do lixo de Barreiras.

Com 16 minutos, eles conversaram com alguns catadores sobre o trabalho e como eles se sentem invisíveis nessa função, além das condições de vida. A produção é de 2006 e por ser um vídeo documentário, possui uma linguagem própria desse gênero. Apesar disso, contribui para esse trabalho, quando a videoreportagem é tida como híbrida e pode se valer de vários gêneros e linguagens. O trabalho aqui desenvolvido se diferencia nas questões da própria videoreportagem e vídeo documentário, mas para além, aqui trabalhamos com mulheres, que não apenas falam da invisibilidade e preconceito, mas também sobre suas histórias com a reciclagem.

1.1 COMPREENDENDO A VIDEORREPORTAGEM

Antes de mais nada, é preciso dizer que, diferentemente do trabalho realizado por uma grande equipe de televisão, que conta com a estrutura de repórter, cinegrafista, produtor, editor, editor de imagens, quando pensamos em uma videoreportagem, estamos pensando em um tipo de produção bem mais solitária, inicialmente, onde o videorepórter (ou videojornalista) atua em todas as etapas da produção a veiculação. Nos termos de Mariguella,

O videorepórter normalmente trabalha sozinho e é o responsável por executar todos os processos necessários para a realização de uma reportagem, ou seja, é um profissional capaz de pautar, produzir, gravar as imagens, fazer entrevistas, fechar o texto, editar o conteúdo e dependendo do veículo ou plataforma colocar isso “no ar” (MARIGUELLA, 2011, p. 9).

O jornalista Paulo Castilho foi um dos primeiros a pesquisar sobre videoreportagem no Brasil, no artigo produzido em 2004 para participar do Congresso Iberoamericano de Jornalistas na Internet, realizado em Salvador na Bahia. O autor define a videoreportagem como um produto jornalístico criado por um único jornalista, onde ele mesmo atua como operador de câmera (CASTILHO 2004). Além da produção realizada por um único repórter, a videoreportagem é caracterizada pela multifuncionalidade do profissional e pela experimentação. Thomaz (2007) afirma que

o videojornalista atende a essa demanda do profissional multifuncional, uma das grandes exigências do mercado do século XXI.

A videorreportagem tem uma linguagem própria e outras características que a define. Além das já citadas, a linguagem da videorreportagem foge da tradicional reportagem televisiva, onde o repórter aparece com o *lead* e deve ser o mais objetivo possível mantendo a parcialidade e o tempo televisivo. A videorreportagem possibilita uma maior liberdade ao repórter, de acordo com Thomaz (2007)

A videorreportagem introduziu um novo modo de produção. Desde o seu surgimento, tentou-se empregar diferenciações na forma de expressão, na estética da imagem e no formato tradicional. Os primeiros profissionais buscavam fazer algo que fugisse do convencional (THOMAZ, 2007, p. 113).

Com isso, a experimentação em imagens, ângulos, sons, as entrevistas e a própria edição fazem parte do contexto da produção. Portanto, a videorreportagem deve ser entendida como a produção realizada por um repórter que executa todas as etapas, de linguagem experimental e que fuja dos padrões de reportagem televisiva, além de explorar linguagens e maneiras diferentes de produção.

1.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA VIDEORREPORTAGEM

A videorreportagem dentro do conceito de produção solo nasceu da experimentação, sem seguir regras técnicas ou roteiros definidos. A experiência foi o que originou e deu início à videorreportagem.

As primeiras atividades de videorreportagem para a televisão surgiram na América do Norte, através de um americano e um canadense.

As primeiras experiências de produção individual de uma reportagem ou de um documentário, na TV, só aconteceram em 1970, nos Estados Unidos e no Canadá, 40 anos após as primeiras transmissões televisuais no mundo, por meio de um processo lento e gradativo, à medida que a linguagem visual e a tecnologia evoluíram no cinema e na televisão (THOMAZ, 2007, p. 18).

O americano Jon Alpert, sozinho, produzia documentários jornalísticos para diversas redes de TV's americanas, "Jon Alpert e sua câmera cinematográfica passaram a ser um instrumento de pesquisa do mundo vivo, como um olho que observa a realidade, procurando uma verdade contida em cada gesto ou em cada expressão." (THOMAZ, 2007, p. 19). Já o canadense Moses Znaimer, proprietário da emissora

CityTV começou a introduzir nos telejornais a nova forma de produção individual, onde um jornalista ia sozinho e participava de todas as etapas, desde a produção.

No Brasil, as primeiras experiências surgiram no final de 1987, com a TV Gazeta de São Paulo, da Fundação Cásper Líbero durante a programação da TV Mix. Aqui surge a ideia do “repórter-abelha”, o nascimento do videorepórter no Brasil. “Este ‘estilo abelha’ propiciava novos caminhos para a linguagem televisual. O texto informal permitia a utilização da subjetividade e a criação de obras com a marca do autor. A ideia era fugir da reportagem convencional, do modo tradicional de observar e captar o real.” (THOMAZ, 2007, p. 24). Em entrevista a Patrícia Thomaz (2007), Fernando Meirelles, diretor da TV Gazeta na época, afirma que a videoreportagem serviu tanto para a experimentação como para responder a falta de recursos.

Os dois objetivos vinham embolados. De fato não havia dinheiro para uma equipe profissional de reportagem, que contava com 3 pessoas (câmera, video-man e repórter) mais carro e motorista. As limitações sempre geram idéias criativas. Criando os abelhas, que é como nós os chamávamos, era apenas uma pessoa que pegava ônibus quando precisava se deslocar. Além disso, não eram profissionais, eram estagiários, o que além de custar menos nos surpreendia com perguntas inesperadas (até pela falta de prática). O que deixava a coisa um pouco precária era também o que dava sabor ao trabalho. (MEIRELLES apud THOMAZ, 2007, p.22).

Assim, aliada à experimentação e a novos modos de produção para se diferenciar da reportagem tradicional de televisão, a videoreportagem também serviu para suprir a falta de recursos das emissoras educativas e públicas.

Silva (2010) propõe três fases para pensar a videoreportagem no Brasil, sendo a primeira caracterizada pelo improviso, a segunda marcada pelo profissionalismo e a terceira pelo surgimento de programas temáticos de videoreportagens.

A primeira, definida como Improviso e Criatividade, teve início nos anos oitenta até o começo dos noventa, “é o momento de formação no ambiente televisivo, da TV Gazeta, quando as condições do contexto econômico, tecnológico, político e cultural solicitam uma produção alternativa de baixo custo e com tecnologia incipiente.” (SILVA, 2010. p. 54). Aqui se percebe a experimentação como uma alternativa para se diferenciar do padrão dos telejornais, pois a videoreportagem possui linguagem mais subjetiva, descontraída e crítica as reportagens normais do telejornalismo. Além disso, a experimentação com a videoreportagem também surge pela urgência de produção, de acordo com Silva, “Como o programa TV Mix era ao vivo e ocupava boa parte da

manhã e tarde na programação da emissora, cerca de seis horas, os videorepórteres deveriam produzir mais em menos tempo, diminuindo o máximo possível o trabalho de edição (Barbeiro e Lima, 2002 apud SILVA, 2010, P.55). Nessa fase, o videoativismo também foi importante para a videoreportagem, por tratar de produções que continham ação política, críticas e até polêmicas. Isso, trouxe outras abordagens que poderiam ser implementadas nas produções de videoreportagens.

A segunda fase é marcada pelo profissionalismo e pela disputa, que data o começo da década de 1990. Segundo a autora,

Observa-se nesta fase uma transição da perspectiva do improvisado para o *profissionalismo* e a consequente *disputa* de legitimidade articulando-se ao jornalismo, portanto, a seus princípios institucionais como credibilidade, atualidade e interesse público, sem, contudo, abrir mão da perspectiva autoral e experimental herdadas do videoativismo. (SILVA, 2010, p.60)

Ainda no programa TV Mix, os *videomakers* foram substituídos por jornalistas nesta fase. Aqui inicia a preocupação com o profissionalismo e a qualidade das produções. Em entrevista a Patrícia Thomas (2007), o videojornalista Marcelo Guedes, que na época trabalhava no programa, destacou que as produções começaram a seguir um roteiro mais jornalístico com o conteúdo em evidência, mas que não fugiam da proposta da experimentação. Para ele,

Quando o conteúdo passou a ser priorizado, a forma como as abelhagens eram produzidas pelos videomakers foi naturalmente modificada com a chegada dos videojornalistas. A segunda fase começou em agosto de 88. Éramos cinco os novos abelhas: Davi Molinari, Mario Rezende, Wilson Ferreira Junior, Ana Muylaert e eu Marcelo Guedes. Todos capitaneados pelo chefe de reportagem Nivaldo Freixeda, muito crítico, mas, por outro lado, dando total liberdade para experimentarmos e ousarmos. Todos jovens e conscientes da ferramenta que tinham em mãos. Sabíamos estar participando de um momento histórico do jornalismo televisivo brasileiro. O nascimento da videoreportagem. Um olhar novo da informação. Um desafio excitante! (GUESDES apud THOMAZ, 2007, p.24).

Outras experimentações surgiram também na emissora pública: a TV Cultura de São Paulo, em 1995 produzia videoreportagens por estudantes de jornalismo. Em 1998, o Canal 21 de São Paulo aderiu no seu telejornalismo a videoreportagem. Foi no Canal 21 que nasceu o primeiro programa só de videoreportagem: *As Melhores Aventuras do 21*, com direção de Renata Falzoni. Segundo Silva,

Os videorepórteres produziam oito boletins diários de um minuto que eram transmitidos ao longo da programação do canal. Depois de captar imagens e entrevistas, eles editavam o material no próprio local da reportagem nos computadores portáteis e enviavam através da internet. [...] Os boletins eram uma espécie de laboratório, cuja finalidade era testar a linguagem para futuramente ser adotada em um programa semanal da emissora (SILVA, 2010, p.62).

A questão da multifuncionalidade dos videorepórteres começa a ser mais evidente, pois a profissão passa a ser vista também como um acúmulo de função:

No Brasil um problema imediato que surge no interior das emissoras com a centralização e a multifuncionalidade é a redução da empregabilidade, da remuneração e dos investimentos em produção jornalística. Se compararmos ao modo como trabalha uma equipe de telejornalismo, o videorepórter exerceria as funções de produtor, repórter, câmera e motorista, ou seja, concentraria em uma única pessoa o trabalho todo da ENG, embora não seja remunerado para isso. (SILVA, 2010, p.63).

Por fim, a terceira fase da história da videoreportagem é marcada pelo nascimento de programas temáticos realizados por videojornalistas em canais fechados. Denominado de videojornalismo em equipe, Silva (2010) traz os seguintes exemplos: *Aventuras com Renata Falzoni*, exibido de 1999 a 2011 pela ESPN/Brasil; *Passagem Para*, exibido pelo Canal Futura; *Expresso da Bola*, exibido pelo SPORTV entre os anos de 2004 a 2012. Esses programas são exclusivamente de videoreportagens, logo, uma equipe se faz necessária “o videorepórter grava, entrevista, apresenta e dirige, mas compartilha as etapas de produção, redação, roteiro e edição com outros profissionais” (SILVA, 2010, p. 74).

A videoreportagem, desde o seu surgimento, evoluiu muito. O que ajudou nisso foi, em grande parte, a evolução técnica dos equipamentos, principalmente as câmeras portáteis que permitiram que se desenvolvesse a videoreportagem produzida por um repórter só que conseguiria carregar a câmera e assim não precisaria uma grande equipe.

“O aprimoramento da tecnologia ao longo da história do telejornalismo brasileiro proporcionou, não somente o congelamento do instante ao infinito com qualidade cada vez melhor, mas a criação de novas formas de atuação, como a do videorepórter”, destaca Thomaz (2007, p. 42). Com isso, e com o surgimento da internet e de novas plataformas digitais também foram surgindo novos modos de fazer videoreportagem, além da própria evolução dessa produção e veiculação, que permitiu a apropriação e a experimentação em novos meios, como, por exemplo, o YouTube.

Uma das tecnologias que mudaram a produção audiovisual, o consumo e o telejornalismo em si foi o surgimento dos dispositivos móveis. Segundo Magnoni e Américo,

Para os jornalistas, a comunicação móvel com emissão e recepção simultânea, sem fio e em aparelhos portáteis significa uma reviravolta profissional. A popularização dessas novas ferramentas profissionais está provocando uma remodelação do jornalismo e dos diferentes meios portadores de notícias e informações em geral (MAGNONI; AMÉRICO, 2007, p 11).

Uma atenção especial para os celulares que estão a quase todos os momentos em nossas mãos. Sua evolução é tão grande que, a cada ano, se renova, trazendo cada vez mais qualidade e novas utilidades para o dispositivo. Percebe-se que o celular é dispositivo potencial de produção jornalística que podemos carregar no bolso. Essa tecnologia vem para somar na produção e distribuição de vários meios de comunicação e está alterando o jornalismo.

Para este projeto o celular foi muito importante, pois, foi com ele que todas as gravações, imagens e sons foram feitas. Optei por gravar com celular por ser mais barato e prático o acesso, além disso, na hora das gravações facilitou a operação de câmera e deu até mais abertura para uma relação mais próxima com as entrevistadas.

1.3 AS CARACTERÍSTICAS E A LINGUAGEM DA VIDEORREPORTAGEM

A videorreportagem como produto jornalístico possui muitas influências de produção e linguagem como, por exemplo, da própria reportagem televisiva e de documentários. Tanto na linguagem quanto na estética, principalmente. Por ser mais aberta à experimentação, a videorreportagem pode utilizar como inspiração outros gêneros e formatos audiovisuais.

No jornalismo, segundo Thomaz (2007), a videorreportagem pode abrigar diferentes formas de expressão, como o jornalismo informativo, jornalismo interpretativo e o jornalismo opinativo. Além disso, a produção e o resultado possui grande influência autoral, afinal grande parte das etapas são de produção solo, ou seja, feita por um videorrepórter. Dessa forma, Thomaz (2007) sugere a videorreportagem como um gênero híbrido:

considerando a intencionalidade determinante das mensagens das videorreportagens, a natureza da obra de caráter autoral, com ingredientes

subjetivos e a busca por experimentação estética, percebe-se que a videoreportagem ora apresenta características da literatura, ora do jornalismo e ora do vídeo, como o próprio nome “videoreportagem” sugere. Assim, pode-se afirmar que esta confluência permite surgir um gênero híbrido, com intercursos hierárquicos distintos, de acordo com os caminhos percorridos pelo seu idealizador (THOMAZ, 2007, p. 73).

Segundo Silva (2010), a hibridização da videoreportagem também ocorre com o telejornalismo e o documentário. Do telejornalismo traz as técnicas jornalísticas, tanto de apuração, como de entrevistas e da construção da informação. Já do documentário, a estética, a intimidade com as fontes e a interatividade: “no videojornalismo, os videorepórteres também ficam mais próximos e íntimos dos entrevistados sem ser, necessariamente, observacional, mas apostando também na maior interatividade com o meio, possibilitando à incorporação do jornalista à cena do acontecimento.” (SILVA, 2010, p. 80).

Ainda utilizando de outras formas de expressão que podem ser usadas para construir uma linguagem de videoreportagem, Thomaz (2007) traz a crônica, a reportagem e a grande reportagem, além do documentário.

Da crônica jornalística o que pode ser usada é o tom literário que ela possui, pois, “a crônica telejornalística procura “contar” ou “comentar histórias da vida”, por meio de uma valorização e interpretação de fatos” (THOMAZ, 2007, p. 77). Da reportagem e da grande reportagem, o aprofundamento na informação, já que “permite uma compreensão aprofundada da realidade contemporânea, as origens e causas dos fenômenos e suas implicações e consequências no futuro, seus desdobramentos possíveis.” (THOMAZ, 2007, p. 74).

As influências do documentário na linguagem da videoreportagem são evidentes no “olhar autoral”, na estética de imagens como o movimento e o envolvimento com o personagem/fonte. Os videorepórteres também ficam “mais próximos e íntimos dos entrevistados sem ser, necessariamente, observacional, mas apostando também na maior interatividade com o meio, possibilitando a incorporação do jornalista à cena do acontecimento” (SILVA, 2010, p. 80).

Apesar das semelhanças e influências, a videoreportagem e o documentário têm distinções importantes. O documentário não precisa seguir questões jornalísticas. Além disso, o que diferencia também é a periodicidade, entendendo a videoreportagem como um produto a ser veiculado na TV. Para Thomaz, “apesar de caracterizar-se pela

universalidade (temática variada) e pela difusão coletiva, o documentário não apresenta necessariamente periodicidade e o conceito de atualidade deve ser compreendido sob uma ótica mais elástica do que na videoreportagem.” (THOMAZ, 2007, p. 78).

Quando se fala da questão autoral na videoreportagem é importante dizer que ela não deve atrapalhar a precisão das informações, mas sim que o videorepórter pode utilizar da sua subjetividade para construir e narrar a história, além disso, permite a proximidade ao fato e credibilidade na apuração da notícia (Thomaz, 2007).

Outro ponto importante para a linguagem da videoreportagem é a gravação das imagens. É aqui que a experimentação surge mais visivelmente, quando é utilizado o plano sequência ou a câmera corrida (gravação sem cortes), comparada com reportagens tradicionais de telejornais (off, passagem, sonora). Dessa forma, “o movimento ocorre quando a gravação da imagem e a narração acontecem ao mesmo tempo, exigindo mais reflexo, planejamento e preparo do jornalista, pois ele precisa se preocupar com o texto, as imagens e o entrosamento de ambos” (THOMAZ, 2007, p. 95).

Para Thomé (2011), a utilização do plano sequência permite mais liberdade ao videorepórter, dinamismo e o aproveitamento do som ambiente. “Uma porção de intuição do videorepórter é o que dá o sabor da videoreportagem, um formato que permite, e até estimula, mais participação, interferência e interatividade do que uma reportagem usual” (CAVALIEIRI 2007 apud THOMÉ, 2011, p. 13).

O plano sequência para este trabalho foi mais difícil de utilizar por problemas técnicos do celular utilizado, mas em uma entrevista, com a Margarete Vidal, foi possível a utilização. O som ambiente, o trabalho sendo realizado enquanto conversava, esse plano deu mais realidade para a videoreportagem.

2. O “LIXO”, A RECICLAGEM E AS MULHERES

O lixo é muitas vezes considerado algo que não tem mais serventia, algo imprestável e sujo. Os recicladores trazem um novo significado para esse lixo que acaba virando sinônimo de sobrevivência para muita gente, assim “o lixo, retirado da concepção do que é inútil, passa a representar algo que é passível de utilização” (COSTA E PATO, 2016).

Para além, o próprio conceito de lixo aqui pode ser discutido, de acordo com o dicionário Houaiss:

Lixo: 1- qualquer objeto sem valor ou utilidade ou detrito oriundo de trabalhos domésticos, industriais etc. que se joga fora 2- recipiente próprio para acondicionar lixo 3- coisa ordinária, malfeita, feia 4- pessoa sem qualquer dote moral, físico ou intelectual 5- a camada mais baixa da sociedade; escória, ralé (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001).

É importante notar a diferença de como o conceito de lixo é interpretado pela pessoa que descarta e por quem cata e recicla, tendo o lixo como sustento. Para a sociedade e para as pessoas que trabalham com a reciclagem o lixo ganha outro conceito e importância, Magalhães expõe sobre como o “lixo” é visto pela sociedade em uma visão negativa:

Além do termo “lixo” ser rejeitado em razão das conotações negativas que a palavra traz, deve-se mencionar, também, que, semanticamente, ele só é aplicável a quem o descarta. Para as pessoas que recolhem o material e lhe dão um destino diferente do descarte, o termo “lixo”, no estrito sentido do termo, não é correto, já que se trata precisamente do material que irá ser aproveitado para lhes prover o sustento. Num certo sentido, o “lixo” de alguns é o sustento de outros, tanto diretamente, como no caso dos catadores que pegam restos de comida, como no caso dos que apreendem o “lixo reciclável” e o transformam em “material reciclável” (MAGALHÃES, 2012, p. 44).

Os recicladores formais e informais realizam um trabalho de utilidade pública, Benvindo (2010) destaca a importância desse trabalho para dar valor ao lixo trazendo um novo olhar sobre os resíduos. Segundo o autor,

No contexto do mercado de recicláveis no Brasil, pode-se dizer que não há reciclagem sem catador, seja ele organizado ou não. O trabalho de triagem do material é, via de regra, feito manualmente. Esta ressignificação do valor atribuído ao lixo na cultura tem grande participação do catador. Este, ao dar valor ao lixo por meio de seu trabalho, acaba por renomeá-lo, alimentando o próprio processo de ressignificação positiva de sua atividade laboral (BENVINDO, 2010, p. 72).

Os catadores acabam sendo os maiores responsáveis pela reciclagem, ressignificam o conceito de lixo através da sua realidade e do seu trabalho.

2.1 RECICLADORES E A INVISIBILIDADE SOCIAL

Vivemos em uma época em que o consumo é evidente, e não apenas isso, é extravagante. A globalização, a sociedade de consumo e o capitalismo estão banindo os seres humanos do mundo social (Bauman, 2005). O crescimento do consumo através de produtos gera muito lixo, mas não só isso, pessoas são excluídas dessa sociedade, são invisibilizadas e não possuem seus direitos assegurados por não possuírem bens, sejam materiais ou não. Bauman traz o conceito de “refúgio humano” no qual são pessoas que estão excluídas de tudo, a lei não contempla e não fazem parte da ordem social, essa que mantém a sociedade capitalista.

A produção de "refúgio humano", ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os "excessivos" e "redundantes", ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da *construção da ordem* (cada ordem define algumas parcelas da população como "deslocadas", "inaptas" ou "indesejáveis") e do *progresso econômico* (BAUMAN, 2005, p. 12).

A sociedade contemporânea invisibiliza, humilha e descarta essas pessoas que não se encaixam na ordem. Dentro disso, os recicladores, tanto informais, quanto formais, se encaixam nesse refúgio por questões sociais. “Os catadores de lixo por estarem em condições de inferioridade na hierarquia social são, muitas vezes, tratados e considerados como ‘não semelhantes’” (GONÇALVES, 2005 p. 43).

Costa (2004) apresenta dois conceitos que ajudam a pensar a invisibilidade pública e de como isso perpassa o trabalho dos recicladores. A invisibilidade pública sendo o desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros é causada por fenômenos como humilhação social e reificação:

A humilhação social apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens do âmbito público da iniciativa e da palavra, do âmbito da ação fundadora e do diálogo, do governo da cidade e do governo do trabalho. (COSTA, 2004, p.48)

Já a retificação é um processo histórico que a sociedade moderna baseia o princípio de determinações mercantis, ou seja, a ordem econômica é o que move a consciência da sociedade. Com isso, o trabalho retificado é aquele para ser vendido, assim, gerando a invisibilidade das pessoas. “A sociedade que vive à custa desse mecanismo produz e reproduz, perpetua e apresenta relações sociais como relações entre coisas. O homem fica apagado, é mantido à sombra.” (COSTA, 2004, p. 49).

O trabalho de reciclagem e de catação para muitas pessoas é uma das alternativas para garantir a sobrevivência, elas tiram o sustento da reciclagem, e muitas vezes trabalham informalmente, ou seja, sem registro oficial. Com isso, a precariedade do trabalho é muito grande, como por exemplo, problemas como risco para a saúde e direitos trabalhistas não garantidos.

Como se não bastasse as dificuldades já ditas, os recicladores sofrem com muitos preconceitos, e são marginalizados por trabalharem com o “lixo”. De acordo com o IPEA (2013, p. 11), os trabalhadores enfrentam uma situação paradoxal pois, ao mesmo tempo que são responsáveis pela separação e reciclagem do lixo, trazendo um novo significado para esse termo e principalmente transformando em mercadoria novamente, por outro lado são marginalizados socialmente, sofrendo diversos tipos de exclusão tanto no mercado de consumo, como nas próprias relações sociais. Isso, acaba gerando a invisibilidade desses trabalhadores, apesar de ser comum ver eles (as) em associações e pelas ruas, pois, no Brasil de acordo com o Movimento Nacional de Catadores Recicláveis (MNCR), há cerca de 800 mil catadores no país.

A questão acerca da invisibilidade que as pessoas que trabalham com a reciclagem sofrem parte tanto do poder público quanto da sociedade como um todo. Bauman (2005) traz o conceito de invisibilidade a respeito do “refugo humano” e considera que

Não visitamos essas montanhas (de refugo), seja fisicamente ou em pensamento, da mesma forma como não nos aventuramos em bairros problemáticos, ruas perigosas, guetos urbanos, campos de refugiados [...] Nós a evitamos com cuidado [...] Removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles (BAUMAN, 2005, pxy).

As pessoas que trabalham com materiais recicláveis prestam um grande serviço à sociedade, como dito antes, elas atuam como “verdadeiros agentes ambientais ao efetuarem um trabalho essencial no controle da limpeza urbana” (IPEA, 2013, p. 11).

Além disso, é devido ao trabalho da catação que o setor de reciclagem movimenta R\$ 12 bilhões por ano e 99% do material que é reciclado no Brasil passa pelas mãos dos catadores, segundo dados do IPEA de 2012, pesquisa encomendada pelo Ministério do Meio Ambiente.

Essas pessoas são diariamente humilhadas, excluídas e marginalizadas na nossa sociedade. A invisibilização desses trabalhadores não deve mais acontecer com tudo o que eles prestam a sociedade e ao meio ambiente com a catação e a reciclagem. Dentro disso, que um dos objetivos desse projeto é dar espaço a essas pessoas e mostrar a problemática social existente acerca deste trabalho.

2.2 O PAPEL DAS MULHERES NA RECICLAGEM

No Brasil existem aproximadamente 1.175 cooperativas e associações de reciclagem somando mais de 39.390 mil trabalhadores, de acordo com dados de 2013 do Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE) (CARTA CAPITAL, 2018).

Em Santa Maria, no início deste trabalho, estavam cadastradas junto ao site da prefeitura cinco associações. Hoje apenas a Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável ASMAR está cadastrada. Nas conversas para a elaboração do trabalho, as coordenadoras falaram sobre duas associações que já tinham fechado as portas por falta de material e apoio, e uma terceira estaria em processo de fechamento.

O contexto santa-mariense está caindo perante as questões ligadas à reciclagem. Com isso, ficam duas associações que ainda resistem a falta de apoio e material, a Associação de Reciclagem Seletivo Esperança ARSELE e a ASMAR. As duas associações que ainda estão em funcionamento são coordenadas por mulheres.

De acordo com dados do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), aproximadamente 70% dos recicladores no Brasil são mulheres. Isso acontece pois “ao se constatar que as taxas de pobreza são ainda mais altas entre as mulheres nos países do Sul Global, observa-se uma pressão maior para que essas mulheres trabalhem com a catação (ONU MULHERES, 2012; BANCO MUNDIAL, 2012 apud VALLIN, DIAS, 2017).

As mulheres enfrentam diariamente o machismo para conseguir realizar seu trabalho. Com as recicladoras não é diferente. Não bastasse, as mulheres ainda enfrentam a jornada dupla de trabalho, o da reciclagem e o da dona de casa

“sobrecarrega as catadoras em uma dupla jornada de trabalho, com mais de doze horas, na qual têm tanto a atividade profissional desvalorizada como a atividade doméstica invisibilizada como trabalho” (VALLIN, DIAS, 2017). Ou seja, são diversas as dificuldades que essas mulheres enfrentam, por serem mulheres e por trabalharem com a reciclagem e a catação.

Durante a produção do trabalho foi possível notar o preconceito que as pessoas têm com as mulheres. Um dos momentos em que isso fica evidente quando Margarete afirma, no segundo episódio, que as pessoas, demonstram preconceito quando descobrem que a ASMAR é coordenada por mulheres, e a grande maioria dos trabalhadores lá são mulheres.

Além disso, era possível notar o cansaço em nossas personagens, por enfrentar essa dupla jornada de trabalho. A Lisi trabalha ministrando cursos de artesanato na AAPECAN três dias na semana e nos outros divide seu tempo entre o voluntariado e o trabalho na ARSELE. Além disso, participa ativamente da vida de suas filhas, uma delas menor, que pratica diversas atividades. A dona Teresinha passa o dia inteiro na ARSELE, resolvendo problemas, atendendo a comunidade, cuidando dos projetos sociais e, claro, da reciclagem “vou para casa só para dormir, aqui (ARSELE) é mais minha casa do que a minha própria casa” conta ela. Já Margarete, se divide entre a coordenação e o trabalho no galpão da ASMAR. Além disso, realiza um curso, à noite, para aprender a costurar.

3. O QUE SOBRA DE TUDO QUE FALTA: A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA SOBRE AS RECICLADORAS DE LIXO EM SANTA MARIA

Para a construção deste projeto experimental, trabalhamos com conceitos importantes que circundam temas como videorreportagem, entrevista, produção audiovisual, jornalismo, além da própria realidade das recicladoras. Para isso, foi executada uma pesquisa bibliográfica na qual realizamos o estado da arte, onde foram procurados livros, teses, dissertações, artigos e trabalhos de conclusão de curso acerca primeiramente do tema videorreportagem.

Pesquisas foram realizadas com o tema sobre as pessoas que trabalham com a reciclagem no Brasil, buscando compreender a situação social desses trabalhadores, as condições econômicas, além de dados sobre reciclagem no Brasil e na cidade de Santa Maria. Além das pesquisas bibliográficas, buscamos por videorreportagens e programas de videorreportagem para ver na prática a produção jornalística. Essas serviram para entender como funciona, quais estilos de cena utilizar, fotografia, ângulos, utilização de off ou não, aparição do videorrepórter ou não. Ver como foi e como está sendo produzida a videorreportagem no país, como foi relatado no segundo capítulo.

Após a fase de pré-produção, ocorreu a de produção e a elaboração do roteiro em que foi realizado um pré-roteiro para auxiliar nas gravações e nas entrevistas com as fontes. Em um terceiro momento partimos para as entrevistas e gravações que foram realizadas através do celular utilizando conceitos sobre a linguagem experimental da videorreportagem. Logo após as gravações foi realizada a edição.

Quando pensei na proposta da produção de videorreportagem foi para sair da zona de conforto e entender como funciona esse gênero. Ao realizar o estado da arte foi possível observar que são poucas as pesquisas na área da videorreportagem quanto sobre a temática do lixo, e principalmente, da relação das mulheres com o lixo. Percebi uma carência desses tipos de estudos o que dificultou um entendimento mais profundo sobre o tema, principalmente por estar na Graduação. Mas ao mesmo tempo foi instigante produzir as videorreportagens e poder de fato experimentar esse gênero. E além de tudo, trabalhar com um tema muito importante que é a reciclagem, o meio ambiente e as mulheres acerca disso.

No meu entendimento, o assunto merece ser olhado com a devida atenção e estudado profundamente. Mas, apesar das limitações teóricas, o processo de produção e

o contato com todas as pessoas que conheci foram as coisas que mais somaram nessa reta final da Graduação. Foi um mundo novo entrar em uma associação e ver o que realmente significa a palavra lixo. Ver pessoas que, apesar do pouco que tem, ainda conseguem atender e prestar serviço para a comunidade.

Com isso, optou-se por desenvolver uma série de videorreportagens com três episódios denominada *O que sobra de tudo que falta*, tendo como personagens mulheres que vivem da reciclagem. Ao longo do processo, após conversas e entrevistas com as personagens, se percebeu que três temas dominavam seu cotidiano: as mudanças com a chegada da reciclagem na vida delas, o preconceito e o futuro. A partir disso, optou-se por dividir a série em três episódios, onde cada um possui uma temática que conta a história e as experiências de cada uma das mulheres.

A utilização da videorreportagem como meio de contar as histórias dessas mulheres, que lutam a muito tempo pela valorização do seu trabalho, pelo meio ambiente e que desejam um futuro que possa ser bom para todos, foi uma escolha muito boa, pois, me permitiu explorar e entender um pouco como é trabalhar sozinha. A videorreportagem como gênero possibilitou um contato mais profundo com as entrevistadas. Além disso, sair do padrão de reportagem televisiva, onde passa por diversas pessoas e etapas, e explorar outras opções, principalmente, vivendo na era em que vivemos onde podemos gravar, editar e postar diretamente através de um celular. O aprendizado foi imenso ao realizar esse projeto.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O processo de pré-produção é o início para o desenvolvimento das gravações e entrevistas. É nessa etapa que nos aprofundamos mais no assunto, além de entrar em contato com as fontes. Com as personagens da videorreportagem foram dois meses e meio de convivência.

Em um primeiro momento, foi realizada a pré-produção, na qual procuramos fontes e histórias de pessoas que trabalham e vivem da reciclagem. Buscamos entender como foi e é a relação delas com a reciclagem, as histórias, as experiências, as problemáticas e o que essas mulheres desejam para o futuro.

Pretendia conversar e entrevistar recicladores/catadores informais, ou seja, os que trabalham na rua. Porém, quando tentei entrar em contato e conversar com alguns

eles se fechavam e não aceitavam gravar. A ideia foi então de conversar com recicladoras que trabalhavam na associação, até aqui tanto homens quanto mulheres, sobre suas experiências, histórias, dia a dia e futuro, seguindo sempre a ideia de contar as histórias de pessoas que vivem do “lixo”.

Em uma pesquisa na internet, em busca das associações que existiam em Santa Maria, encontrei no site da prefeitura cinco associações de reciclagem cadastradas. Entrei em contato com todas, mas apenas duas retornaram. Isso se justifica pelo fato de que as associações não estavam conseguindo se manter, pois, faltava a sua matéria prima e coleta seletiva na cidade. Informação que descobri mais adiante no decorrer do trabalho durante entrevista com uma das personagens.

A primeira que retornou foi a Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável ASMAR, a mais antiga da cidade. O contato que fiz lá foi com a Margarete Vidal, a coordenadora da associação. Marcamos um encontro para uma terça-feira, o único dia da semana que ela tinha livre para atender o público. A Margarete foi quem retornou e me recebeu para uma visita ao galpão. Chegando lá na sede fui recebida em um salão onde é realizada as refeições dos trabalhadores. Em uma conversa com ela expliquei a ideia do projeto e ela começou a me contar um pouco sobre como a ASMAR funcionava.

Nesse primeiro dia, não a convidei para participar das entrevistas. Marcamos outra conversa, mas naquele dia pude perceber o prazer em que ela sentia em falar da reciclagem e a vontade em mostrar a sede da associação. Ela mostrou o galpão, explicou como eram divididos os afazeres, como chegavam até ali os materiais e como eles organizam para a venda. Foi a primeira vez que entrei em uma associação e pude ver de perto o trabalho dos recicladores. O trabalho lá é dividido em diversas áreas, desde o pessoal que descarrega o caminhão, passando pela primeira triagem, a divisão dos papéis coloridos e brancos, plástico, vidro. Apesar de ser um local com “lixo”, o ambiente é muito organizado, e isso me surpreendeu, o cuidado com as máquinas e com os equipamentos.

Foi caminhando pelo galpão que notei o quanto aquele universo ali era predominantemente feminino. Foi aí que vi mulheres carregando fardos de papel para pesar, fazendo a triagem, carregando sacos com materiais já separados e prensando os fardos. Conversando com a Margarete, ela disse que dos 21 recicladores, 13 são

mulheres, desde a coordenação até o trabalho ali no galpão. Foi nesse momento que pensei em trazer as histórias e experiências das mulheres que vivem da reciclagem.

Com isso, optei por trabalhar e gravar com mulheres e trazer a questão do feminino dentro de uma área onde, por ter que carregar peso e lidar com máquinas, pressupõe-se ser predominantemente masculina.

Uma semana após a primeira visita, retornei na ASMAR para conversar com a Margarete. Ela sempre muito empolgada em me contar sobre a associação, sobre as palestras e os convites que eles estavam recebendo para palestrar na cidade e até fora. Foi nesse dia que comecei a me aproximar mais dela, a conhecer mais suas histórias, sua vida, seu trabalho. Um momento que me surpreendeu muito foi quando ela contou que depois que começou a trabalhar com a reciclagem, lá na associação, aprendeu a ler e escrever e depois de alguns anos já passou em cinco faculdades.

Fiquei muito animada com as conversas com a Margarete e queria saber muito mais, por isso a história dela foi uma das selecionadas para o projeto. Eu fiz o convite para ser uma das entrevistas e ela aceitou. Após isto, todas as terças-feiras eu ia no galpão para conversar com a Margarete e conhecer outras mulheres de lá.

Na ASMAR, conheci mais duas mulheres com quem conversei bastante e até comecei a gravar, mas no final elas não quiseram mais participar, pois, falaram que ficariam tímidas. Foi nesse momento que precisei ir atrás de mais histórias e de outras associações. Tentei entrar em contato com a Associação de Reciclagem Seletivo Esperança ARSELE novamente e tive um retorno com convite para ir conhecer a associação vindo da Lisi Brasil. Nós marcamos de nos encontrar no galpão da associação em uma quinta-feira.

Chegando lá, fui recebida por ela e pela dona Teresinha Domingus, a fundadora e coordenadora. A Lisi é artesã e todo o material que utiliza é retirado da reciclagem feita ali na ARSELE. Conversando sobre o artesanato ela pegou uma sacola grande, onde carrega muitos dos seus artesanatos que já tem pronto e muito material reciclável que utiliza. Ela começou a me mostrar seu trabalho, eram bolsas de lona, de fita cassete antiga, bolsas de sacolas plásticas, corações feito de pano, brincos, marcadores de páginas de capa de polígrafo velho e muito mais. Fiquei impressionada com o tanto de coisa que ela consegue produzir com o “lixo” e com a qualidade dos produtos.

Conversando mais sobre, a Lisi me contou que tinha colocado fogo na casa dela, acidentalmente, e que ganhou uma nova através da ARSELE. Falou sobre o trabalho

que realiza com o artesanato na Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (Aapecan) e sobre os diversos projetos sociais que atua como voluntária. Nessa conversa fiquei muito animada com o perfil dela, o quanto a história dela é interessante, instigante e comovente. Nesse dia ela já me convidou para acompanhá-la na Aapecan e em outro projeto que ela realiza com crianças.

Na ARSELE, conheci também a Teresinha Domingus que é fundadora da associação e coordena junto com as filhas o galpão. A dona Teresinha é muito carinhosa com todos que chegam ali, e não foi diferente comigo. A ARSELE, além de ser um galpão de reciclagem, é também um espaço onde vários projetos sociais acontecem, como a cozinha comunitária, o brechó beneficente, o trabalho com as crianças do bairro e o trabalho de ressocialização de presos e de dependentes químicos.

O dia em que fui estava acontecendo um dos projetos, o que é realizado com crianças, foi muito bonito ver o carinho que as pessoas tinham com a dona Teresinha. Ela denomina todos que chegam ali de família Arsele. Além da própria reciclagem, elas trabalham com projetos sociais e voluntariado. A Teresinha junto com as filhas e a Lisi cuidam de tudo. Lá os dias eram sempre bem movimentados, cheio de crianças e outras pessoas que recebiam apoio da associação.

Apesar de a ARSELE não ter caminhão, eles recebiam, de vez em quando, o caminhão da coleta seletiva da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), além de pessoas ou empresas que levavam os materiais até lá. Pude acompanhar e conhecer mais sobre como elas juntam os projetos sociais com a reciclagem e conseguem conscientizar as pessoas sobre isso. Um trabalho importante desenvolvido pelas mulheres de lá.

Após os primeiros contatos, durante as outras idas às associações, fui ficando mais próxima delas. Com o passar das semanas elas iam contando sobre a família, os problemas tanto pessoais quanto às dificuldades com o trabalho. Os encontros com Margarete e Teresinha aconteciam nas associações, onde elas passam mais tempo.

A Margarete passa a maior parte do tempo no galpão, ela fica responsável pela separação dos papéis branco e colorido e nossos encontros aconteciam quase sempre ali. Às vezes era até difícil de escutá-la, pois, os barulhos das máquinas quando ligadas era bem alto e se espalhava pelo galpão.

Com a dona Teresinha os encontros eram sempre no salão da ARSELE, onde acontece os projetos sociais que ela apoia. Lá ela nunca estava sozinha, sempre tinha alguém, ou suas filhas, amigas e pessoas que trabalham com voluntariado.

Os encontros com a Lisi aconteciam tanto na ARSELE, como na casa dela. Além disso, caminhávamos juntas até o centro. Era nesse momento que ela contava sobre o passado, as dificuldades que teve pra chegar até onde está hoje.

Além disso, nesta fase desenvolvi o primeiro pré-roteiro com algumas ideias, mas nada muito fechado, pois, desde o início buscamos histórias, momentos e o aprofundamento disso tudo, algo que perguntas muito fechadas não dariam conta de toda subjetividade das experiências dessas mulheres.

O pré-roteiro serviu para ter um fio condutor, o lixo, o material reciclável, e para a ideia de imagens extras. O pré-roteiro serviu para além das sugestões de imagens, no momento das entrevistas. Utilizamos o roteiro contextual de entrevista, que de acordo com Colgnese e Mélo (1998, p. 146) “caracteriza-se por não apresentar especificamente perguntas, mas tópicos orientadores da entrevista. Estes tópicos devem ser elaborados e organizados de forma lógica, respeitando a problemática da pesquisa.” Esse roteiro se encaixou na proposta, pois trabalhamos com questões sociais e perfis de mulheres que vivem dia a dia da reciclagem. Com isso, conseguimos relatos e percepções delas sobre a sociedade e sobre o seu próprio trabalho. Não caberia aqui realizar questionários fechados por se tratar da subjetividade deles.

Nesta fase de pré-produção contatei nove mulheres, tanto as que trabalhavam em associação quanto as que trabalhavam reciclando na rua, porém apenas três aceitaram. Tivemos a ideia de procurar uma mulher que trabalhasse com a reciclagem e fosse mais nova do que as outras, que possuem uma média de 40-60 anos, para ter essa vivência de trabalhar a pouco tempo e o que esperava para o futuro. Mas ela recusou por se considerar tímida demais. Além disso, esse momento foi dedicado para conhecer um pouco delas, como era o dia a dia e o trabalho. Fase importante, pois, foi aqui que conseguimos delimitar e pensar sobre o que elas tinham para dizer e focar nos temas

3.2 PRODUÇÃO

3.2.1 As entrevistas

A entrevista para esse projeto foi uma etapa muito importante, pois, está aqui todas as histórias, vivências, experiências e problemas dessas mulheres. Foi nesse momento que conheci de fato elas e por isso merece ser bem pensada e analisada.

A técnica da entrevista em primeiro momento para esse projeto foi desenvolvida na forma de diálogo, pois conversamos sobre questões subjetivas, o contexto social as relações sociais, as questões de trabalho e sobre a vida das mulheres recicladoras. De acordo com Medina (1986, p. 8), “a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa [...]”. Com isso, as entrevistas que foram realizadas tiveram como objetivo a interação social e o diálogo. Foi utilizado o método de entrevista em profundidade, técnica essa que explora um assunto a partir da busca de informações e experiências dos entrevistados:

entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, 2011, p. 62).

Com isso, foi preciso uma preparação para realizar as entrevistas. Lakatos e Marconi (2003, p. 199) sugerem algumas etapas importantes antes de executar a entrevista, entre elas, o planejamento que deve ter em vista o objetivo que se quer alcançar, um conhecimento prévio do entrevistado, marcar com antecedência horário e local, além de um roteiro com perguntas e questões que irão nortear a entrevista. Essas etapas foram seguidas na execução desse projeto, pois, as gravações não começaram de imediato, criei uma ligação com elas antes, o que ajudou para pensar em questões que orientassem as entrevistas. As entrevistas foram realizadas nas associações e com a Lisi Brasil na casa dela também. Foram mais de 15 dias de gravação com as personagens.

Cada uma se comportou diferente diante da câmera. A Margarete aparentava tranqüila para as gravações e sempre falava bastante sobre as questões levantadas. A dona Teresinha sempre respondia muito animada, e não se importava em ter uma câmera na sua frente. Já a Lisi foi a mais tímida. E isso foi estranho na primeira vez que gravei com ela, pois, de todas ela é a que mais conversou e me contou histórias sobre a vida, a família o trabalho. Mas quando ligava a câmera ela se fechava. Ela gostava muito quando fazia imagens dos artesanatos e dela costurando. Cada uma tinha seu jeito de agir diante da câmera, mas todas sempre foram muito atenciosas com o meu trabalho.

Para as entrevistas eu tive o desejo de obter um perfil humanizado das mulheres que trabalham com a reciclagem. Com isso, Medina (1986, p. 18) sugere o

aprofundamento e a entrevista de perfil humanizado quando se quer “mergulhar no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, históricos de vida.”

Isso ajudou a pensar as entrevistas e a abrir mais as perguntas para obter esses relatos profundos. No início tive dificuldade para abrir as questões, pois, ficava muito presa a perguntas prontas mais diretas, mas após entender que cada uma tinha seu tempo de falar e queria falar sobre os assuntos, consegui não me prender tanto, assim, deixando elas refletirem e contarem desde o início, com detalhes, e até coisas que fugiam do assunto, mas que sem dúvidas, me ajudaram a compreender elas.

3.2.2 As gravações

As gravações das videoreportagens foram realizadas por mim, não só as gravações mas todas as etapas seguindo um dos princípios da videoreportagem.

Foi utilizado um celular Smartphone Motorola Moto G 4ª Geração Plus de 32GB internos, o que ajudou bastante por ter um espaço privilegiado de memória. Além disso, foi utilizado um mini tripé flexível próprio de celular. Os vídeos foram gravados em full HD 1080p, sendo a opção mais alta que o celular ofertava. Para o áudio num primeiro momento foi utilizado um lapela, porém o áudio acabou perdendo muita qualidade se comparado com a captação de áudio do celular, que foi a utilizada posteriormente para toda a produção da série de videoreportagem.

As gravações tiveram uma duração de dois meses e meio com as três entrevistadas, uma média de dois encontros na semana. Foi durante o processo de gravação que fui conhecendo e me aproximando de cada uma e percebendo o que o lixo e a reciclagem significam para elas.

Foi no processo de produção que realmente fui percebendo as características da videoreportagem. Foi a primeira experiência de gravar, produzir e realizar todas as etapas sozinha. Nas primeiras gravações ficava preocupada ao mesmo tempo com áudio, luz, enquadramento, foco e todas os detalhes mais técnicos e que acabava por perder um pouco na própria entrevista, no sentido de ser mais um diálogo do que perguntas fechadas.

Logo após perceber isso, fui administrando melhor esse momento, pois, o que realmente queria era conversar com elas, no ambiente em que elas estivessem com o

barulho que estivesse. Não que a parte técnica não fosse importante, pelo contrário, se possuísse um tripé e microfones lapela e direcional a qualidade seria superior.

Foi também no momento das gravações que percebi que me desconstruí enquanto jornalista no sentido de ir com uma ideia pré-estabelecida do que seria a entrevista, as gravações, do que me esperava quando chegava nos galpões. Por ter tido experiência com TV, normalmente no dia a dia, as reportagens são menores, você vai com as perguntas fechadas e prontas e já sabe e espera quem vai falar e o que é importante da pauta. Para a videorreportagem e o tema escolhido para esse trabalho não tinha conhecimento de como era uma associação, como era o trabalho, a separação, o funcionamento e todas as funções que envolvem a vida dessas mulheres. Esse momento foi de grande importância, aprendi que o jornalista tem que sempre ir com a mente e o coração abertos para qualquer pauta e não de forma mecânica do dia a dia do jornalismo, que infelizmente por ter prazos curtos acaba por ser assim.

A gravação foi realizada com um celular e um mini tripé, como dito antes, com isso não possuíamos tantas funções como uma gravação realizada com câmera profissional, luz, áudio e outras questões técnicas. Com isso, há dois lados do gravar sozinha, o primeiro envolve realmente a técnica e a operação, sem dúvidas, teria sido mais prático se tivesse mais de uma câmera e um operador, pois teria explorado mais outros enquadramentos e ângulos.

Mas, ao mesmo tempo, foi sozinha e apenas com um celular que me aproximei dessas mulheres, conheci as histórias delas, os familiares e presenciei o dia a dia, o que talvez com uma equipe e materiais muito grande elas teriam se sentido mais tímidas e fechadas, e não aceitariam, talvez, a gravar. Além disso, operar o celular foi muito mais fácil, principalmente, por estar gravando sozinha.

Outro ponto que me chamou atenção quando gravava com elas foi de que quando perguntava sobre como era o dia a dia, como elas entraram para a reciclagem, quando a pergunta era direcionada a apenas elas, sobre elas, as respostas eram quase sempre o “nós”. Esse nós no sentido de elas e as amigas e amigos que trabalharam desde o início com elas. Isso chamou atenção, pois, elas não trabalhavam sozinhas, então não queriam contar apenas as histórias delas, mas também dos que compartilharam essas vivências.

Como as gravações foram realizadas com um celular, alguns problemas técnicos ocorreram. A bateria não durava mais que uma hora de gravação, nessa questão teria

sido importante um carregador portátil. Além disso, o celular em algumas gravações esquentava demais e travava a gravação. Com isso, em alguns vídeos a imagem ficava dessincronizada com o áudio ou não gravava o áudio. Este problema operacional ocorreu poucas vezes, mas mesmo assim atrapalhou no cronograma estipulado.

As gravações foram realizadas com apenas um celular, como dito anteriormente, com isso foi mais difícil de realizar e explorar outros enquadramentos e ângulos. Isso, não só pela questão de ser um celular apenas, mas também pelo fato de ter sido gravado apenas por uma pessoa, apenas uma repórter, o que acabou limitando a questão de outras imagens. Além disso, como era eu gravando com elas as imagens que eram em plano sequência utilizei para cobrir as entrevistas e o relato. Num primeiro momento a ideia era ser todo em plano sequência, porém por questões técnicas já comentadas, como áudio e o celular que travava se filmava direto, optei por sentar e gravar com elas para pegar o relato e as histórias por completo.

3.2.3 Edição

Na fase de edição e criação da narrativa foram decididas algumas coisas, como, aproveitar bastante o tempo das imagens de apoio que mostram elas trabalhando, a utilização de trilha, de texto no vídeo, a abertura e a edição não padrão em todos os episódios.

No primeiro episódio, *Reciclando histórias*, a ideia foi contar um pouco sobre quem eram elas antes do trabalho e como entraram para a reciclagem. Para a construção, da narrativa, optei por deixar uma personagem seguida da outra, sem entrelaçar as histórias, para assim, não perder o que aconteceu com cada uma. Neste primeiro episódio utilizei off para explicar a ARSELE com imagens do local e de alguns eventos lá. A ideia inicial não era utilizar esse recurso, porém foi necessário até para a minha presença, da videorepórter na construção da narrativa.

No segundo episódio, *Feito lixo, feito bicho*, as personagens contam sobre os problemas que tiveram e têm com relação ao trabalho na reciclagem. É aqui que fica evidente a invisibilidade e o preconceito de trabalhar com material reciclável, além disso, do próprio machismo que elas enfrentam por ser mulher e trabalhar na reciclagem, apesar das mulheres serem maioria. Esse episódio foi o que mais me marcou justamente por esse relato da invisibilidade e do machismo, e também, pela falta

de noção da importância e consideração da sociedade referente a esse trabalho da reciclagem. Na edição neste segundo episódio a narrativa já foi diferente, entrelaçamos os depoimentos e utilizamos mais imagens delas trabalhando.

O último episódio *Futuro que não se descarta*, trouxe ideias para o que elas desejam no futuro e a mudança delas depois que começaram na reciclagem. Com esse episódio ficou claro que elas desejam sim, crescer e seguir na área, e o quanto a reciclagem e as associações são importantes para cada uma. No terceiro episódio entrelaçamos as entrevistas e as imagens de apoio foram utilizadas com trilha após as entrevistas. Assim, diferenciou-se do segundo, no qual, as imagens vinham antes.

As imagens de apoio são sempre muito importantes, aqui mostraram as mulheres no trabalho e a produção dos artesanatos, no caso da Lisi Brasil. A ideia foi realmente mostrar, sem buscar uma estética perfeita, a realidade delas, do dia a dia. Isso permitiu uma sequência narrativa que não ficasse tão baseada só na entrevista. Junto com a utilização da trilha garantiu uma sequência narrativa mais contínua. Optei por deixar as imagens por mais tempo, pois, ali elas estão fazendo algo, e isso dá mais realidade e para o trabalho. O plano médio foi usado para as entrevistas para garantir um áudio melhor, afinal, utilizamos o do celular o que acabou me preocupando e até dificultando imagens detalhes na hora da entrevista, o que teria ajudando a deixar a narrativa mais diversa em questões de planos e imagens.

Foi na etapa da edição que com o gênero híbrido da videoreportagem pude experimentar mais, principalmente as questões de imagens e do tempo em que ficam, além da experimentação com imagens que não necessariamente acompanham o áudio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da série de videorreportagens *O que sobra de tudo que falta* foi desafiadora desde o estilo escolhido até o tema central. Foram diversas etapas e mudanças que fiz que nos fez chegar aqui. Primeiramente, a dificuldade de encontrar estudos sobre videorreportagem uma linguagem interessante e que tem muito a ser explorada ainda, tanto na prática quanto na própria teoria. Além disso, há muito a ser explorado nos estudos sobre mulheres na reciclagem.

A ideia inicialmente era realizar entrevistas com catadores informais, os que trabalham na rua, mas houve negativas por parte deles a gravação. Com isso, parti para as associações de reciclagem que existem em Santa Maria-RS e cheguei em duas, ASMAR e ARSELE. Nas duas fui recebida por mulheres e conheci os galpões que também era predominantemente feminino. As mulheres estavam ali, carregando fardos grandes de papel, plástico e outros materiais. A partir daí quis levantar essa relação das mulheres com a reciclagem.

Foram muitos os desafios, primeiro desprender das gravações e enquadramentos mais típicos do telejornalismo. A construção do pré-roteiro com as perguntas para as entrevistas, onde tive que me desapegar das perguntas fechadas e diretas e aprender a explorar mais as perguntas abertas. Além disso, a dificuldade técnica que acabou impedindo de gravar em plano sequência e de fazer imagens com outros enquadramentos e ângulos durante as entrevistas, pois foi gravado com um celular que quando esquentava demais começava a travar e a bateria não durava tanto.

Depois que o primeiro contato com as fontes foi realizado dei início a ideia de conhecer mais sobre o trabalho da reciclagem, as histórias, vivências e experiências dessas mulheres. Conviver com elas e com o pessoal que trabalha nas associações abriu a minha cabeça para muitas questões. Fez eu me sentir responsável pelo que eu consumo e produzo. Pelo que eu joga ou onde eu joga qualquer material e resíduo. Me fez ver muitas coisas com outros olhos, inclusive o “lixo”. “Lixo pra quem?” essa é a pergunta que me fiz depois de conviver com elas. A palavra ganhou outro significado. Essas mulheres me ensinaram muito sobre ser mulher e fazer o que quiser, em qual trabalho for. Nós e nossas escolhas merecem respeito.

A produção das videorreportagens contribui de diversas formas para a minha formação. Como experimentar e ir para a prática da gravação, sozinha e com apenas um

celular. Como construir narrativas é desafiador, mas muito instigante. Como ter o prazer de sair de entrevistas com pessoas que não contribuiriam apenas para o projeto, mas sim para a vida. Como cada pauta, cada assunto e cada pessoa tem uma história, uma vivência, crenças, pré-conceitos e visão de vida e, nós como jornalistas precisamos ouvi-las com coração aberto.

Ainda são poucos os estudos acerca da videoreportagem e, com isso, foi mais difícil de compreender esse gênero e sua linguagem. Ao mesmo tempo, foi importante aprender e a gravar sozinha, a pensar em enquadramentos, fazer imagens, entrevistar, cuidar do som e da luz ao mesmo tempo. Há muito ainda para ser explorado da videoreportagem, mas é buscando e, principalmente, praticando que podemos chegar em mais estudos sobre.

Muitas coisas me surpreenderam e me chocaram durante o processo de produção. Como quando entrei pela primeira vez no galpão da ASMAR e vi tudo aquilo que para muita gente é lixo e para elas ganham um significado diferente, é sobrevivência, é trabalho, é aprendizado, é a matéria prima.

Apesar de saber que a grande maioria da população não faz a separação do material reciclável, eu me incluía nisso, e até, às vezes, nem se importam com isso. Ao ver o caminhão chegando, o lixo na primeira triagem na esteira e quatro mulheres separando vidro quebrado junto com comida e resíduo de banheiro, descarte errado de baterias e pilhas entre outros, foi uma mistura de indignação e culpa. Foi nesse momento que conversei com algumas delas, perguntando dos materiais que chegavam e cada uma relatava absurdos de até bichos mortos em sacolas misturados com materiais.

Essa vivência de ir até lá e ver abriu muito a minha mente sobre o que estamos fazendo com o meio ambiente, mas principalmente, porque não reconhecemos o trabalho dos recicladores, seja porque vivem à margem da sociedade, seja porque ganham tão pouco comparado com o trabalho que prestam à sociedade.

Como jornalista, me desconstruí em muitas questões como dito antes, mas também na própria técnica da gravação e da produção videoreportagem. Foi uma experiência única de como podemos mostrar histórias com pouco dinheiro e equipamentos. A tecnologia de hoje em dia nos possibilita isso, porém não é só chegar e gravar, tem, sim, toda uma pré-produção e um estudo de pauta para entender, e principalmente, a vivência, o estar lá, faz toda a diferença na montagem e no resultado final do produto.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENVINDO, Aldo Z. **A nomeação no processo de construção do catador como ator econômico e social**. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Estudos e Pós-Graduação sobre as Américas, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- CASTILHO, Paulo. **A Videoreportagem como forma de popularizar a produção e o consumo de conteúdo multimídia na Internet**. Trabalho apresentado no V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet, nov. 2004. Disponível em: <www.espacioblog.com/myfiles/ciberperiodismo/AIAPI%202004%20Paulo%20Castilho.p df>. Acesso em 13 jun. 2018.
- COLOGNESE, Sílvio. MÉLO, José. **A técnica de entrevista na pesquisa social**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.9, p.145-159, 1998.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.
- DA COSTA, Cláudia Moraes; PATO, Cláudia. A constituição de catadores de material reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência. In: PEREIRA, Bruna Cristina; GOES, Fernanda Lira (Org.). **Catadores de Materiais Recicláveis Um encontro nacional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. cap. 4, p. 99-121. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. São Paulo: Perspectivas, 1980.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.
- FALZONI, Renata. **Aventuras com Renata Falzoni no Cemucam**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gJ6kvPfmxA>> Acesso em: 03 jun. 2018.
- GONÇALVES, Rúbia Cristina. **A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência**. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, 2005.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável**. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf> Acesso em: 02 jun. de 2018.

_____. **Diagnóstico dos Resíduos Sólidos Urbanos**. Brasília: Ipea, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2MMdxU>> Acesso em: 09 jun. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JESUS, João José Angelo de. **INVISÍVEIS - A rotina dos catadores de lixo que atuam na cidade de Barreiras - Bahia**. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zHroOy_c77g> Acesso em: 01 jun. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAGALHÃES, Beatriz J. **Liminaridade e exclusão: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira**. 2012. 130f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2012.

MAGNONI, Antônio Francisco; AMÉRICO, Marcos. O uso de dispositivos móveis para o ensino de jornalismo. **10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**. Disponível em <<http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=16&cf=1>>. Acesso em 07 jul. 2018.

MARIGUELLA, Antenor Thomé de Souza. **A videorreportagem no ciberespaço**. 2011. 72 f. Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação lato sensu) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível** São Paulo, ed. Ática, 1990.

MNCR- MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. **Programa de luta e organização nas bases do Movimento**. Disponível em: <<http://www.mncc.org.br/>>. Acesso em junho 2018.

NACHBIN, L. O vôo solo do videojornalismo. In: RODRIGUES, E. (Org.). **No próximo bloco... : o jornalismo brasileiro na TV e na Internet**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. P.117-133.

SILVA, Karina Araújo. **Videorreportagem em três estilos: análise de um subgênero em formação**. 2010. 81 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

THOMAZ, Patricia. **A linguagem experimental da videorreportagem**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Marília, Unimar, Marília, 2007.

VALLIN, Isabella; DIAS, Sylmara. **Injustiça Ambiental e Gênero: Um Olhar Sobre as Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis**. VIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade 2017 Disponível em <<https://bit.ly/2PKGrP0>> Acesso em: novembro 2018.